

**ALGUMAS NOTAS SOBRE O NACIONALISMO BRASILEIRO  
NA GRANDE IMPRENSA AMERICANA.  
TIME MAGAZINE E NEW YORK TIMES: 1960-1964**

Eduardo Silva Alves\*

*O Brasil nacionalizou a sociedade americana Esso Standard do Brasil Inc. a pedido da Standard. Materialmente, significa essa nacionalização que a grande distribuidora no Brasil dos produtos da Standard Oil Company, de New Jersey, transforma-se na Esso Brasileira de Petróleo S.A., que o seu capital na sociedade passa a ser em cruzeiros e que seus escritórios centrais mudam-se de Fairmont, na Virginia Ocidental, para o Rio de Janeiro. Assim, se algum dia o Brasil desapropriar empresas estrangeiras, a Esso poderá escapar. Por outro lado, se o Brasil algum dia permitir a participação de capitais particulares na exploração do Petróleo, a Esso estará em condições de entrar em ação. (“Love & Nationalism”. Time Magazine. Vol. LXXV, nº 4. Nova York, 25 de janeiro de 1964.)*

O nacionalismo brasileiro, como tema de reportagem na grande imprensa norte-americana no início dos anos 60, foi levado àquele público sob dois aspectos: expropriações e ufanismos, sendo este também interpretado – e traduzido – como xenofobia. Neste artigo comentaremos algumas reportagens feitas pela revista semanal *Time Magazine (TM)* e pelo jornal *The New York Times (NYT)* sobre esse assunto. Suas abordagens tiveram como pano de fundo uma constante preocupação com os investimentos financeiros em nosso país e a imagem dos EUA na América Latina entre 1960 e 1964.

*Temor pelo presidencialismo nacionalista – 1960*

No editorial da edição de 18 de janeiro de 1960 do jornal *The New York Times*, o correspondente Claude Sitton alertava os Estados Unidos sobre a necessidade de “uma

maior atenção norte-americana aos ânimos latinos”, e disse ainda que eles “precisavam aprender a conviver com o nacionalismo latino-americano”. Era o último ano do mandato de Juscelino Kubitschek e a corrida pela sucessão presidencial estava a todo vapor: de um lado, a coligação PSD e PTB, com os candidatos Lott e Goulart, respectivamente, e, do outro, Jânio Quadros e Milton Campos, na junção PTN-UDN. Desses quatro candidatos, somente Milton Campos esteve de fora do eixo de discussão sobre o nacionalismo na *Time Magazine* e no *NYT* durante o período aqui mencionado. No mês seguinte, o editorial no jornal *NYT* lançava um olhar mais direto ao Brasil, cujo panorama naqueles “dias de verão” era marcado pelas “pressões políticas de um ano de eleição Presidencial”, pelos “flagrantes problemas econômicos” derivados de uma “permanente e descontrolada inflação”, além de “uma crescente afirmação do nacionalismo”. No final de fevereiro de 1960, foi a vez de *TM* revelar a sua preocupação com o nacionalismo brasileiro com o artigo “O Candidato” (*The Candidate*): concordando com o *NYT*, o desconforto da revista estava na figura do já candidato Marechal Lott e na sua promessa de “fazer do capital estrangeiro seu alvo principal”. Segundo *TM*, aquele candidato não admitia que o “suor dos trabalhadores brasileiros continuasse a produzir riquezas para os países estrangeiros”, segundo *TM*, ele dava garantias de que “a Petrobrás continuaria intocável e manteria o monopólio estatal do petróleo”. A revista não poupou a comparação com Vargas, disse que o Marechal Lott ansiava pelo “mesmo manto de Getúlio, um presidente-ditador e demagogo que havia se matado e deixado uma carta na qual punha a culpa do seu suicídio nos grupos financeiros internacionais”. A revista ainda destacou uma fala de Lott na qual ele deixava bem clara a sua posição nacionalista: “Eu sou um nacionalista [...]. O nacionalismo relaciona-se ao patriotismo do mesmo modo que a caridade relaciona-se com a fé”. Segundo Thomas Skidmore, “o candidato Lott exercia uma atração *a priori* sobre os nacionalistas de esquerda na defesa de várias causas nacionalistas”, tais como “a restrição das remessas de lucros de firmas estrangeiras para o exterior”.

Jânio Quadros, ainda não candidato e muito cortejado pela UDN, no mês seguinte, março de 1960, fez uma visita a Fidel Castro “dando a entender que era simpático à experiência socialista”, apesar dos seus protestos contra “a má interpretação que o regime cubano havia feito de suas declarações”, publicou o *NYT* no artigo “Quadros fora de Cuba” (*Quadros off for Cuba*). Ainda dentro do assunto cubano, O *NYT*, em 10 de março de 1960, publicava outra reportagem, com o título “Cuba, um assunto no Brasil”. O artigo informava que “a decisão do candidato [Quadros] de visitar Castro perturbava os investidores”.

*Brizola entra em cena – 1961-1962*

Após a definição da corrida eleitoral de 1960, o ano seguinte não ofereceu muitas esperanças aos EUA em relação à contenção do nacionalismo brasileiro. Os personagens apenas trocaram de nome, saiu Lott e entrou Brizola. O primeiro, antes da derrota nas urnas, anunciava propostas de governo de cunho nacionalista, enquanto o outro já tinha no currículo a encampação da Companhia Elétrica Riograndense, subsidiária da American & Foreign Power (Bond & Share) em 1959.

Jânio Quadros, o grande vencedor das eleições, foi o último brasileiro a ser capa da *Time* antes da queda de Goulart. A reportagem com o título *One Man's Cup of Coffee*, de 30 de junho de 1961, não faz menção a Goulart, no entanto, a preocupação com o avanço do comunismo na América Latina e a imagem dos EUA aumentou, segundo *TM* “na semana passada, após uma excursão por dez nações da América Latina, o enviado presidencial Adlai Stevenson era portador de alguns assuntos desagradáveis. Os líderes dos governos democráticos da América Latina ainda estavam em estado de “choque mental” em relação ao desastre cubano; o prestígio dos Estados Unidos estava em agudo declínio”. Naquela mesma edição, *TM* ainda analisou as riquezas do solo brasileiro e sua importância para o mercado interno e internacional. Discorreu sobre o potencial hidroelétrico do país, sobre a borracha na Amazônia, a pecuária e o papel. Mas a bauxita deu o exemplo de nacionalismo que a matéria perseguia: segundo *TM* “as reservas de bauxita do Brasil eram de centenas de milhões de toneladas”, e podiam ser encontradas em locais economicamente rentáveis, mais baratos”, porém, alguns projetos de grandes empresas exploradoras – Kaiser e Reynolds – “eram vetados por um nacionalismo estridente ‘O alumínio é nosso!’”.

O cunhado do presidente Goulart e anti-yankee – termos que *TM* irá atribuir a Brizola na maioria de suas matérias – foi chamado de “volátil” numa reportagem do *NYT* de 13 de março de 1962 (*Volatile Brazilian: Leonel Brizola*). Comparado a um dos personagens do famoso escritor americano, Horatio Alger, autor de inúmeras novelas populares no século XIX, Brizola fazia o tipo “menino pobre” sempre com tendências para o bem, mas com uma pequena deformação, “era um brasileiro esquerdista e nacionalista”. Antes da publicação desse artigo, Brizola, em 16 de fevereiro, expropriou a ITT oferecendo uma indenização “bem abaixo da estimada pela companhia”. A atitude de Brizola foi comunicada através de um telegrama ao presidente Kennedy, e o presidente da ITT comparou o ato como semelhante ao ocorrido em Cuba. O impasse diplomático deu-se em meio aos preparativos da visita de Goulart aos EUA no mês seguinte. Uma medida de urgência tomada pelos EUA foi a aprovação da emenda Hickenlooper, “que puniria os países que

desapropriassem empresas americanas sem que fossem devidamente indenizadas”. Segundo Marco Antonio Villa, Goulart, antes de embarcar para os EUA, fez um pronunciamento “para se desvincular de Brizola” na Câmara de Comércio Americana: “o governo brasileiro não alimenta a mínima prevenção, nem cultiva qualquer sorte de preconceito ou má vontade com aqueles que representam ou defendem os interesses do capital estrangeiro”. No mês seguinte, em 3 de abril de 1962, mesmo dia da chegada Goulart aos EUA, o *NYT* publicava uma matéria com o título “A Visita do Presidente”, e fez os seguintes comentários: “a chegada do Presidente João Goulart aos Estados Unidos para uma visita de cinco dias servirá para nos lembrar que o Brasil, como também a Argentina, precisa da uma máxima compreensão de nossa parte”. Goulart, em sua visita, assumiu “o compromisso de manter condições de segurança que permitiria ao capital privado desempenhar o seu papel vital no desenvolvimento da economia brasileira e às empresas estatizadas seria mantido o princípio da justa compensação”. Segundo Marcos Villa, a viagem de Goulart havia sido um sucesso: acabou sendo interrompido doze vezes por salvas de palmas e no dia seguinte estava nas primeiras páginas de todos os jornais americanos. Segundo o noticiário brasileiro, Jango “de comunista passou a ser chamado em toda a imprensa americana de *Nice man*”.

Logo após a visita de Goulart, o *NYT* publicou uma matéria, em 27 de maio de 1962, anunciando que a expansão latino-americana começava a apresentar problemas (*Latin Expansion Posing Problems*). Segundo o jornal, algumas empresas e seus associados começavam a encontrar grandes dificuldades para financiar contratos mais atraentes. Tratou-se do caso da expropriação da IT&T no Rio Grande do Sul por parte de Leonel Brizola, e o *NYT* advertia que a “empresa não poderia parar de expandir por causa de um governo local no Brasil”. O caso da Amforp também entrava naquele momento na pauta de discussões. O governo brasileiro anunciava a compra dos bens da empresa americana tendo em vista o reinvestimento de 75% do seu capital em empresas que não fossem de utilidade pública no Brasil.

#### *João Goulart: de bom moço a vilão – 1963*

O que os vizinhos latinos pensavam dos EUA preocupava o *NYT*. Em 4 de março de 1963, através do jornalista Tad Szulc – o mesmo que vazaria em 1964 o suposto conteúdo da Doutrina Mann para a América Latina –, publicou um artigo comentando sobre os sentimentos latinos em relação aos EUA: “O que os latinos pensam de nós”. “Apesar das suspeitas e inconvenientes das relações” de seus vizinhos “com os países do bloco socialistas”, para o *NYT* “os Estados Unidos podiam até ser um conveniente objeto de crítica para calcular as frustrações e desencantos da América Latina ao longo da história, mas o

ultra-maligno Colosso do Norte permaneceria basicamente como a única alternativa na vida do hemisfério”, escreveu o jornalista.

De 1960 a 1962, a figura de João Goulart parecia ainda não assustar a grande imprensa americana em relação às questões nacionalistas. No entanto, a partir de 1963, essa preocupação foi se tornando cada vez mais evidente. *Time* publicou, em 22 de março de 1963, um artigo com o título “À Beira da Bancarrota” (*Brink of Bankruptcy*) e vinculou os problemas econômicos do Brasil às políticas nacionalistas que vinham sendo, segundo a revista, postas em prática pelo governo João Goulart. Para *TM* “graças a essas políticas, os recentes investimentos estrangeiros tinham diminuído de \$266 milhões de dólares em 1961 para \$62 milhões em 1962 e foram afugentados pelas expropriações, contendas políticas e pela dura restrição de remessas de lucros”. A ironia da revista prosseguiu no mês seguinte, com a matéria “Rio em Trevas” (*Darkness in Rio*). Citou, logo de início, uma marchinha de carnaval da década de 1950 “Rio de Janeiro, cidade que me seduz, de dia não tem água, de noite não tem luz”. O assunto da reportagem foi a expropriação das empresas estrangeiras prestadoras de serviços de utilidade pública. A política de Goulart incomodava a revista: “o Presidente do Brasil, João Goulart, conduz um tipo de nacionalismo para dar poder a si mesmo”, e Jango, segundo a revista, ainda havia dito “que as empresas estrangeiras prestadoras de serviço eram um cadáver no caminho das boas relações”. Naquele momento, Goulart “anunciava planos para comprar todas as empresas estrangeiras no setor que estavam no país”. Segundo *TM*, “Goulart já estava negociando a compra das instalações da International Telephone and Telegraph, do grupo American & Foreign Power Co. (Amforp), e da Light’s Rio Telephone Company” – por esse motivo haveria o risco de um “apagão” sugerido pela matéria. Segundo Skidmore – citando o *Wall Street Journal* –, a Amforp vinha há mais de um ano negociando a venda de seu equipamento “impelida pelo fato de três de suas subsidiárias já terem sido objeto de expropriações por parte dos governos estaduais”.

Brizola voltava à cena na matéria de *TM* de 19 de julho de 1963, com o título “Brizola sob Ataque” (*Brizola Under Attack*). Tratou-se de uma matéria que servia de contra-ataque ao nacionalismo e aos nacionalistas brasileiros, principalmente Brizola. Segundo a revista “o esquerdista mais repugnante da América Latina ao sul de Cuba era Leonel Brizola do Brasil, homem de 41 anos, embaraçoso cunhado do presidente João Goulart e Deputado Federal pelo Estado da Guanabara”. A postura agressiva de Brizola foi destacada na matéria que fez menção a sua ida à televisão onde fez duras acusações ao empresário internacional. Segundo *TM*, Brizola “diante do público, denunciou os empresários estrangeiros no Brasil, deu gritos para expropriar suas empresas, exigiu laços de amizade com Fidel Castro”, além de, óbvio, “fazer denúncias contra todos os yankees”. Ironica-

mente, *TM* contra-atacou Brizola citando que “percebera nele uma intrigante e repentina transformação no seu comportamento”, tudo isso logo após sua ida à televisão. Segundo a matéria “Brizola, estava melhorando” e explicou que “através de anúncios pagos em jornais do Rio, ele “implorava, e exigia justiça contra o grupo que manipula o poderoso Diários Associados em sua campanha de infâmias e terríveis ataques contra ele”.

#### *Golpe Militar e derrota do nacionalismo – 1964*

Foram inúmeras as reportagens na grande imprensa americana que cobriram o cenário de agitações no Brasil nos fins de 1963 e início de 1964. Os assuntos de ordem econômica e política estavam sempre vinculados à administração de Goulart, vista de forma negativa pelos dois organismos de imprensa aqui estudados. A partir de 1964, o olhar de *TM* e do *NYT* tornou-se mais agudo em relação ao problema do nacionalismo, tanto no Brasil como na América Latina. No início de 1964, *TM*, em sua reportagem de capa da edição de 31 de janeiro, destacou o então recém-nomeado Secretário de Estado para Assuntos Interamericanos, Thomas Mann, que disse: “há dois tipos de nacionalismo em ação na América Latina. O primeiro tipo, eu acredito, é a melhor defesa que temos contra os comunistas, trata-se do esforço comum em busca das metas sociais cujos benefícios serão advindos dos EUA na forma de capitais”, e advertiu ele: “se os latino-americanos não perceberem isso, não estarão fazendo ao seu país algo de bom”. O segundo tipo nacionalismo era o pior e estava vinculado à propaganda ideológica que percorria a América Latina. Para Thomas Mann, o “outro tipo de nacionalismo era o *xenophobic nationalism*”, pois “é o que pode impedir a realização das metas da Aliança: o nacionalismo xenofóbico derruba tudo o que o hemisfério suporta”.

Em fevereiro de 1964, alguns sintomas de insegurança e medo em relação ao Brasil como nação do futuro puderam ser percebidos nas páginas do *NYT*, que deu destaque ao livro de Charles Wagley, cujo título foi *Uma Introdução ao Brasil*, com subtítulo: “Setenta milhões de brasileiros e como eles estão crescendo!”. A resenha era de Juan de Onis, responsável pela seção Books do *NYT*: “Esta é a mais lúcida e atual interpretação do Brasil contemporâneo, agora disponível em inglês. Seu aparecimento não poderia deixar de ser oportuno. O jornalista advertia: “uma compreensão do Brasil, a nação mais poderosa da América Latina [...], é de vital importância para apressar o futuro das relações dos Estados Unidos no hemisfério Ocidental”.

Em 10 de março de 1964, Tad Szulc publicava, no *NYT*, um artigo com o título “O Brasil se prepara para ocupar fazendas e refinarias”. Curioso perceber que esse artigo vinha a público exatos três dias antes do Comício na Central do Brasil, quando Goulart oficializaria o início das suas reformas de base, nas quais se incluíam as expropriações

de algumas refinarias. Num aparente furo de reportagem, o artigo dizia que “o Governo brasileiro estava na expectativa de ordenar o confisco de valiosas terras privadas e refinarias de petróleo”, acrescentou ainda que “movimentos diversos podiam se vistos aqui como uma acelerada mudança do país em direção ao nacionalismo de esquerda”.

No dia 5 de abril de 1964, Tad Szulc publicou outro artigo, dessa vez comentando sobre o golpe militar no Brasil. O título do artigo era “Súbito golpe no Brasil afeta todo o continente” (*Brazil Coup Affects Whole Continent*). Segundo o *NYT* “chegava ao fim uma das grandes e profundas crises daquela semana com a espetacular revolução brasileira e que poderá indicar um novo quadro de tendências no hemisfério”.

*Michael Weis e James Green: impressões do Brasil na mídia americana pós-abril 1964*

Segundo W. Michael Weis, “a cobertura da imprensa norte-americana do golpe de 1964 mostrou que oficiais americanos “manusearam os jornais” de forma bem-sucedida no período de três meses após o golpe militar”. A imagem do governo de Goulart que chegava ao público norte-americano foi distorcida e apenas o *The New York Times* e o *Washington Post* “apresentaram a posição dos dois lados da crise”. Segundo Weis, a imprensa deu apoio quase unânime “ao reconhecimento-relâmpago” do governo de Washington. *Time Magazine* publicou em seu número de 10 de abril de 1964, uma matéria com o título “O Adeus a Jango” e não escondeu sua alegria. Segundo Weiss, os periódicos que puderam ser incluídos no grupo da imparcialidade foram o *Nation*, o *New Republic* e o *Daily News*. As notícias do Brasil que chegavam aos Estados Unidos eram recepcionadas por um público “desinformado”, ao qual era dada a impressão “de que o novo governo brasileiro havia defendido a democracia do assalto comunista”. Numa pesquisa realizada em 1964, “86% dos cidadãos norte-americanos temiam ameaças comunistas – a mais alta porcentagem da história americana”. Apesar dos repórteres norte-americanos ignorarem “amplamente” as prisões e a violência contra os opositores do novo regime, entenderam as mudanças políticas no Brasil como “um golpe sem sangue” que evitou a guerra civil. Segundo James Green, em seu livro *Clérigos, exilados e acadêmicos: oposição à ditadura militar brasileira nos Estados Unidos*, a cobertura dos acontecimentos políticos no Brasil naquele momento desapareceram das primeiras páginas dos jornais e revistas norte-americanos nas semanas seguintes.

*Recebido em Março/2008; aprovado em Maio/2008.*

*Nota*

\* Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC-SP, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Pedro Tota. E-mail: edusilvaalves@uol.com.br.